

FAUSTINO XAVIER DE NOVAIS:
UM *PASSEUR CULTUREL* NOS TRÓPICOS

FAUSTINO XAVIER DE NOVAIS:
THE *PASSEUR CULTUREL* IN THE TROPICS

Aline Cristina Oliveira

Doutora em Literatura e Vida Social
pelo Instituto Federal do Paraná (IFPR)
– *campus* Palmas.

Resumo: Este trabalho intenta ofertar uma breve biografia intelectual do poeta e jornalista português Faustino Xavier de Novais, que emigrou para o Brasil em 1858. A partir de uma investigação em fontes primárias, foi possível observar que Faustino desempenhou a função de mediador cultural desde a sua juventude, em Portugal, até sua morte, em 1869, no Brasil. Considerando-se que o periodismo nacional oitocentista era formado por uma intelectualidade luso-brasileira, pensar as transferências culturais é traçar um tripé que atrela as práticas da imigração, do jornalismo periódico e os agentes mediadores dessas trocas.

Palavras-chave: Faustino Xavier de Novais, biografia intelectual, mediação cultural.

Abstract: This work aims to offer a brief intellectual biography of the Portuguese poet and journalist Faustino Xavier de Novais, who moved to Brazil in 1858. A research in primary sources revealed that Faustino played the role of cultural mediator since his youth in Portugal to his death in Brazil, in 1869. Considering that nineteenth-century national journalism was formed by Portuguese-Brazilian intellectuals, thinking about cultural transfers is, at the same time, to outline a tripod that links immigration, 80's journalism and the mediating agents of these exchanges.

Keywords: Faustino Xavier de Novais, intellectual biography, cultural mediation.

Faustino Xavier de Novais foi um poeta e jornalista português que emigrou para o Brasil em 1858, assim como tantos de seus pares durante o grande fluxo emigratório lusitano no século XIX. Tanto em solo europeu quanto nos trópicos, Faustino teve a vida marcada por um forte engajamento na promoção da cultura letrada. Com a mesma intensidade, o poeta colecionou, principalmente na juventude, uma série de desafetos com seus versos satíricos. O próprio Faustino fez um trocadilho linguístico que o resumiu em suas características como literato: “homem de tretas”. Os estudos sobre esse homem indicam a possibilidade de uma revisão paródica dessa expressão, acrescentando uma definição mais acertada e que ainda lhe rende homenagem, dada a rima que encerra: “homem de letras e de tretas”.

A expressão “homem de letras” não se sabe quem inventou, e ela nada tem de surpreendente, uma vez que define inúmeros homens que, de alguma forma, mantêm intimidade com a literatura ou a escrita, simplesmente. Já a segunda, de autoria de Faustino, que a definiu em artigo publicado em 1861, na *Revista Popular*¹, é empregada aqui de forma livre, sem compromisso com a conotação que lhe dera seu autor. A representação das duas procura definir, rapidamente, quem foi esse *passreur culturel* que, vivendo em Por-

1 Cf. Homens de tretas. *Revista Popular*, n.4, p.193-206, 15 de fevereiro de 1862. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=181773&pasta=ano%20186&pesq=>>. Acesso em: 18 de dezembro de 2019.

tugal, tinha por ofício ser um homem de letras e que, por isso, foi também um *homem de tretas*. Ser um homem de tretas na contemporaneidade, dado o conhecimento de uma das possibilidades que o vocábulo agrega, especificamente a gíria, nada mais é do que ser um homem de brigas, que coleciona desafetos. Não foi essa a acepção que Faustino empregou quando escreveu o artigo, mas o jargão vem ao encontro da representação que aqui se busca empreender no que concerne à sua juventude como poeta satírico e jornalista crítico e mordaz da cidade do Porto.

Para Faustino, homens de tretas seriam aqueles cuja ambição os tornava adoradores do dinheiro e, como tais, obedientes a dez mandamentos. Em nítida alusão à *Bíblia* e às leis cristãs, ele também sintetizou em dois os mandamentos dos homens de tretas, quais sejam “Amar o dinheiro sobre todas as coisas, e o do próximo como a nós mesmos” (NOVAIS, 1862, p.206). Dois séculos separam as acepções empregadas pela palavra, assim como dois séculos separam a vida de Faustino da biografia intelectual que aqui se intentará produzir. Porém, o que não se modificou nesses dois séculos foi a existência, na acepção do poeta, de *homens de tretas* e a dura trajetória de um *homem de letras*.

Filho mais velho do ourives e comerciante de joias Antônio Luiz Novais e de D. Custódia Emilia Xavier de Novais, Faustino nasceu na cidade do Porto, na rua Santa Catarina, em 17 de fevereiro de 1829. O negó-

cio do pai, ainda que modesto, garantia o sustento da família e a educação primária dos filhos, seis ao todo. As despesas da numerosa família fizeram-no ingressar na vida prática como empregado do *Banco Mercantil Portuense*. Concomitantemente ao trabalho no banco, Faustino ensaiava os primeiros passos como poeta e prosador, publicando em jornais locais (BASTO, 1947, p. 17).

Segundo a pequena biografia publicada na *Semana Ilustrada* em ocasião da morte do poeta, sua entrada para o mundo das letras se dera através de um episódio envolvendo um tendeiro portuense conhecido como Basto, a quem Faustino dedicara sua primeira poesia.

Aquele Basto, que outrora
Só vendia bacalhau,
Figos, passas e cacau,
Não é o Basto de agora;
Ele canta, ele namora,
Ele dança, e...que sei eu?
Ou o pobre endoideceu,
Ou eu estou confundido;
Ou não é este o Cosido,
Ou alguém o descoseu. (NOVAIS, 1869, p.2).

As colaborações em periódicos não rendiam o suficiente para a sobrevivência do poeta e o trabalho no banco não o realizava. Além disso, Faustino teve problemas de ordem política, devido ao caráter altamente crítico de suas colaborações, nas quais atacava

de maneira mordaz figurões portugueses de grande influência. Pela junção de diferentes fatores, mas sobretudo pelo desejo de *fazer a América*, Faustino emigrou para o Rio de Janeiro em 3 de junho de 1858, tendo como acompanhante sua esposa, D. Ermelinda Novais, com quem contraiu matrimônio em 1855 e que, segundo alguns amigos próximos, fora responsável pelo crônico estado de melancolia do poeta.

A história do imigrante Faustino Xavier de Novais não se diferencia muito da história de muitos outros portugueses que, como ele, deixaram a pátria por dificuldades financeiras e/ou sonharam enriquecer no Brasil. Também o destino de Faustino foi muito semelhante ao de seus compatriotas: emigrou, trabalhou, ajudou sua família, mas não enriqueceu, tampouco retornou a Portugal. Em 23 de outubro de 1866, três anos antes de sua morte, Faustino escreveu ao amigo Camilo Castelo Branco sobre sua vida no Brasil:

Responderei agora às tuas ultimas perguntas e reflexões sobre a possibilidade de nos não tornarmos a ver. É isso o mais provável e quase certo. Eu não conto voltar a Portugal [...] Entendes que a riqueza no Brasil é só questão de tempo? Pois, meu amigo, não tenho um vintém de meu. Devo agora antecipar resposta a esta pergunta que me fazes: *Então que fazes no Brasil?* [grifos do autor] Respondo: aqui paga-se melhor do que lá tudo que não seja trabalho literário. Tenho atualmente dois empregos; labuto muito; satisfaço a obrigação que me impus de mandar mensalmente a meu pai 30.000 reis fortes (CASTELO BRANCO, 1887, p. 224-225).

A carta endereçada ao amigo reforça a teoria da emigração decorrente de uma situação financeira delicada, ao mesmo tempo em que indica o apego dos expatriados à terra natal, pois que estavam sempre desejosos de retornar tão logo fosse possível. Contudo, estatísticas comprovam que as perspectivas vislumbradas na partida, de enriquecimento e prestígio, eram tão malogradas quanto as expectativas de retorno. Na maioria das vezes os emigrantes se desiludiam rapidamente e, diante de condições financeiramente desfavoráveis, conformavam-se com rendimentos que apenas lhes garantiam a subsistência.

Antes de chegar ao Brasil, em 1858, Faustino Xavier de Novais gozava de alguma notoriedade na circunscrita intelectualidade portuguesa e brasileira. Natural da cidade do Porto, o poeta se fez largamente reconhecido na imprensa local, onde exercia, em versos, sua veia satírica. A obra satírica de Faustino comprova que ele não poupava as pessoas e os costumes, fazendo valer a famosa expressão latina *ridendo castigat mores*². Vale lembrar que aquele era um momento em que a sátira desempenhava na sociedade um papel específico, no qual Faustino Xavier de Novais estava incluído, como atesta Luís de Sousa Rebelo:

Logo que se torna visível a feição burguesa da nova estrutura social, o desencanto e a revolta individualista formulam o primeiro protesto na poesia de Faustino

2 Do latim, uma tradução possível seria “É rindo que se corrigem os costumes”.

Xavier de Novais contra os brasileiros e barões, a sua cupidez argentária e o seu reacionarismo (REBELO *apud* COELHO, 1960, p.737).

Nos jornais com os quais colaborava, valia-se sempre de pseudônimos, notadamente com o intuito de proteger-se de possíveis retaliações resultantes de sua língua ferina. Padre Caetano, Saturno, Língua danada, Pantaleão Pantana, Coruja, José Valverde, Bernardo e Bernardo Júnior são alguns dos nomes fictícios utilizados pelo poeta.

Faustino estava mergulhado na boemia literária portuense e foi assim que conheceu Camilo Castelo Branco, um dos mais importantes escritores da estética romântica portuguesa. Os dois amigos, quando jovens, fizeram troça da sociedade portuguesa em seus escritos. Para Camilo, ele, com seus livros em prosa e o amigo Faustino, com suas sátiras em verso, tinham a missão de dizer “ao século XXII o que era esta gente do século XIX” (BASTO, 1947, p. 24): *esta gente* a que se refere Camilo, eram os homens endinheirados, corrompidos pelo apego à matéria.

Segundo A. de Magalhães Basto, a sociedade portuense da época estava dividida em dois grupos. De um lado estavam os homens *graves*, presos ao materialismo capitalista, e de outro a mocidade letrada, que desprezava o capital e ostentava uma atitude sonhadora e idealista, condizente com os paradigmas do Romantismo.

Estes consideravam aqueles (os comerciantes, os barões e os *brasileiros*) [...] consideravam-nos como uma súcia de sujeitos de consciência elástica e pouco limpa, materialões grosseiros, só preocupados com o vil dinheiro, extremamente insolentes e caricatos por suas prosápias tolas, suas cadeias de ouro, seus alfinetes de gravata e anéis de brilhantes (BASTO, 1947, p.22).

Camilo Castelo Branco e Faustino Xavier de Novais pertenciam a essa juventude romântica portuense e os dois, cada qual a seu modo, criticavam a atitude dos homens *graves*. Enquanto Camilo é lembrado por sua fina ironia, Faustino é tido como poeta irreverente e galhofeiro, que expunha suas vítimas ao ridículo, explorando, através de suas sátiras, os vícios de uma sociedade que ele considerava hipócrita e decadente. Destemido colecionador de desafetos, Faustino foi citado pela crítica portuguesa como um dos maiores, senão o maior poeta satírico português.

Sabido que Camilo foi *gênio da graça e da ironia feito verbo*, e que Faustino foi o maior poeta satírico português depois de Nicolau Tolentino — críticos há que, sob certos aspectos, o consideram superior — fácil será imaginar quantos maus bocados teriam eles ambos feito passar aos ridículos da sociedade portuense de há noventa anos! (BASTO, 1947, p. 20, grifo do autor).

Quando o poeta Faustino publicou seu primeiro livro, *A Vespa do Parnaso*, escrito em 1854, o amigo Camilo Castelo Branco, entusiasmado, dirigiu-lhe as

seguintes palavras: “O teu primeiro volume era uma galeria de retratos tirados de perfil, a furto e de passagem, à maneira que os originais te acotovelavam nas praças, nos botequins e nos salões” (CASTELO BRANCO, 1858 apud MASSA, 2009, p.299). O título da obra é autorreferente, pois a principal poesia, “A vespa”, versifica a missão que o poeta acredita desempenhar.

Os versos destacam que o compromisso do eu lírico, de incomodar crítica e ironicamente quem quer que fosse, dava-lhe a liberdade de uma vespa que, alheia às sempre iminentes represálias, continua a picar indiscriminadamente.

Ocupar o lugar de Nicolau Tolentino significava sofrer as alegrias e desventuras desse legado, pois a verve satírica de Faustino realmente lhe rendeu muitos dissabores e uma coleção de inimigos. Alguns historiadores acreditam ter sido a publicação de *A Vespa do Parnaso* o mais significativo motivo para a emigração de Faustino, pois a recepção da obra entre os figurões atacados teria propiciado um verdadeiro fechar de portas na carreira do poeta. Sobre as consequências de expor a sociedade burguesa ao ridículo, o amigo Camilo Castelo Branco desabafa “Há oito anos que te vi entrar no inferno das letras: já eu cá estava, quando vieste todo encolhido, e como que arrependido de haver pactuado com o demônio” (CASTELO BRANCO apud NOVAIS, 1858, p.294).

Mesmo diante dos problemas resultantes da publicação de *A vespa do Parnaso*, Faustino continua a

escrever e, em 1855, publicou o livro *Poesias*. Reeditada em 1856, a obra reuniu os poemas outrora escritos para *O Bardo: Jornal de Poesias Inéditas* (1852-1855), do qual Faustino era redator e, juntamente com Camilo Castelo Branco, um dos mais assíduos colaboradores. O título do periódico alude aos antigos poetas celtas, encarregados de transmitir, oralmente e acompanhados de um instrumento musical, poesias elogiosas. Segundo Eliana Petrillo Januzzi (2005, p. 8), o poeta foi também o fundador do jornal. A afirmação da pesquisadora pode ser legitimada na observação do conteúdo programático d'*O Bardo*, redigido em forma de poesia, pelo próprio Faustino.

A obra demonstra a condição financeira de Faustino e seu desejo de ascensão através da literatura, pois é dela que o jornalismo vai se nutrir durante todo o oitocentos. Como homem de letras, seu desejo era exaltar a literatura nacional e, junto aos seus pares, ganhar dinheiro e prestígio. Observa-se aqui uma mudança ideológica nas aspirações de Faustino, que agora se apresentam menos idealizadas e mais detidas na satisfação pessoal.

A explicitação de um programa com vistas ao enriquecimento pessoal combinava com o estilo autêntico de Faustino e a decisão de versificar tal intuito parece ter sido uma maneira de aproximar o desejo de ascender socialmente com o de inundar o país com poesia.

Três anos mais tarde, em 1858, Faustino publicou *Novas Poesias*, que seriam reeditadas no Brasil em 1881. Embora já conhecido entre a intelectualidade brasileira desde antes da emigração, Massaud Moisés (2006) acredita que seu reconhecimento como poeta se deve à estreita amizade com o escritor Machado de Assis, cultivada desde a chegada de Faustino, no mesmo ano de 1858, até seu último suspiro, em 1869. Tal crença não parece encontrar respaldo na realidade, uma vez que Machado de Assis, na época, era apenas um jovem aspirante à carreira de escritor, com tanto prestígio quanto um sem número de intelectuais.

Além de *Poesias* e *Novas Poesias*, Faustino publicou também alguns artigos que escrevera para jornais em sua *Manta de retalhos* (1865) e em *Cartas de um roceiro* (1867). Interessante notar que nos prefácios de ambos os livros Faustino desdenha da qualidade de seus escritos, admitindo tê-los vendido por necessidade de ordem pecuniária. Utilizando-se de fina ironia, compara os frutos de sua pena a fazendas e seus editores a negociantes de tal produto.

Em 1870, um ano após sua morte, foram publicadas suas *Poesias póstumas*, livro que foi reeditado por Ernesto Chardron, em Portugal, no ano de 1877. Uma antologia dos seus poemas satíricos foi a público em 1906, sob o título de *Sátiras*. Além das poesias e artigos em prosa, Faustino também escreveu algumas peças teatrais, todas compostas no Brasil. Das produções do dramaturgo, cujas comédias foram interpre-

tadas nos teatros S. Pedro d'Alcântara, Santa Tereza e Ginásio dramático, estão *A vida de um ator* (1857); *O devoto de Baco*³ (1858); *Scenas da Foz* (1858); *Um Bernardo em dois volumes* (1859); *Caetano Pinto* (o 1º. ato foi publicado em *Poesias Póstumas*) e *Ignez d'Horta* (1906).

Em Portugal, Faustino teve uma participação ativa como colaborador em periódicos. Ainda muito jovem escreveu em diversos jornais portuenses como o *Periódico dos Pobres*, *O Porto e Carta*, *A Grinalda* (continuação de *O Bardo*), *Eco Popular*, *Micelânea Poética*, *Clamor público*, *Portuense*, *A Aurora do Lima*, além da *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil*. Seus escritos renderam-lhe a fama de ter uma língua ferina, mas, para além da sátira, da capacidade de fazer rir criticando os costumes, o escritor dedicava-se também ao sentimentalismo romântico, próprio de sua época e de seus pares.

Ninguém imaginaria ao ver Faustino rir, e fazer rir os outros, que lá por dentro ia crescendo “tristeza negra”, e que no fundo ele era, como os poetas do seu tempo, um lírico, um romântico, um sentimental; revelaram-no as suas *Poesias Póstumas* — poesias que ele não quis que em sua vida fossem conhecidas (BASTO, 1947, p. 29).

Apesar de muito conhecido no meio literário português, Faustino Xavier de Novais, como a maioria dos

3 Segundo noticiou o *Correio Mercantil*, em 05/05/1858.

literatos do século XIX, brasileiros e portugueses, não conseguia sobreviver de sua pena. Decidido a emigrar para o Brasil, onde acreditava haver possibilidades de uma vida melhor, Faustino pôde contar com a ajuda financeira de Rodrigo Feliciano Pereira, futuro Conde de São Mamede e amigo da família Novais, que pagou as despesas de sua viagem. Assim, em 1858, o poeta embarcou no paquete *Tamar*, rumo ao Rio de Janeiro, decidido a regressar à pátria como um *brasileiro*.⁴

Ao desembarcar no Brasil, ao contrário da maioria de seus compatriotas, que vinham anônimos, Faustino já era conhecido pelos brasileiros, ao menos pelos letrados. O *Diário do Rio de Janeiro* publicou, em três de junho de 1856, na rubrica *Exterior: Correspondência de Portugal* o lançamento de um livro de poesias satíricas de Faustino, bem como uma pequena apreciação crítica. O jornal não mencionou o título do volume, mas é possível que fosse *Poesias*, reeditado naquele ano.

Na cidade do Porto saiu um pequeno volume de poesias por Faustino Xavier de Novais. As baladas contemporâneas são fustigadas pelo irritável mancebo que não desdiz nesse ponto da raça a que pertence, como cultor das musas. É de esperar que com estudo, e com o exercício de escrever, haja de corrigir a dicção e apurar o estilo. Com o andar do tempo pode vir a merecer um lugar junto ao Tolentino (CORRESPONDÊNCIA, 1856, p.2).

4 Apelido dado aos portugueses emigrados para o Brasil quando estes retornavam endinheirados à pátria.

O constante diálogo entre Brasil e Portugal, proporcionado pela imprensa oitocentista, que favorecia o conhecimento do que se escrevia dos dois lados do Atlântico, bem como a formação acadêmica de escritores brasileiros em território português fizeram com que, ao pisar em terras brasileiras, Faustino fosse saudado pelos versos de Casimiro de Abreu (BASTO, 1947, p.30). O tom amigável da poesia faz crer que a conhecida animosidade dos brasileiros em relação aos imigrantes portugueses no século XIX não se estendia à classe intelectual, ao menos não atingiu o escritor à altura de sua chegada ao país.

No Brasil, como em Portugal, Faustino trabalhou como colaborador em periódicos. Aqui, publicou em jornais fluminenses como o *Jornal do Comércio*, o *Correio Mercantil*, o *Diário do Rio de Janeiro*, *A Marmota*, a *Revista Popular* e *O Futuro*, sendo este último um empreendimento empresarial engendrado por ele. Sobre sua numerosa e decisiva participação na imprensa luso-brasileira, a *Semana Ilustrada* de 22 de outubro de 1869 comentou “Faustino Xavier de Novais foi redator e colaborador de muitos dos melhores jornais portugueses, e colaborador aplaudido de todos os grandes periódicos fluminenses. Ele e só ele, em seu próprio enterro, ia representando a imprensa diária” (FAUSTINO, 1869, p.6).

Também como em Portugal, os ganhos como jornalista não bastavam para a sobrevivência, os rendimentos que sustentavam a ele e a esposa vinham,

sobretudo, do comércio, atividade comum aos lusitanos emigrados. Faustino conciliava os dois ofícios e se valia da influência obtida pelo trabalho nas redações para conseguir alguma publicidade sobre seu empreendimento comercial.

Com a promessa de fornecer produtos importados da Europa, o comerciante vendia de tudo, de charutos a livros, e assim garantia a subsistência enquanto praticava uma de suas paixões, a literatura. O anúncio deixa claro que as atividades de Faustino visavam estreitar as fronteiras brasileiras no que concerne à aquisição de objetos de consumo da burguesia ascendente e, ao articular o trabalho empresarial com o propósito cultural, Faustino poderia representar, nesse momento de sua vida, o papel de *médiateur-marchand*⁵. No entanto, essa caracterização não definiria de forma razoável sua mediação, porquanto a proposta de servir como ponte entre as culturas luso-brasileiras parece ter sido a grande prioridade de Faustino, pois, ao que parece, ele nunca esteve completamente subordinado aos interesses capitalistas, mas, ao contrário, procurou sempre subordinar o mercado dos impressos aos seus ideais.

O poeta incumbia-se de prover brasileiros e estrangeiros emigrados dos bens culturais de além-mar, colaborando para a inserção do Brasil na rota comer-

5 Do francês, uma tradução possível seria “comerciante mediador”.

cial dos impressos e assim ajudando a definir os hábitos de leitura do público brasileiro.

Vetores de civilização, esses editores, impressores, livreiros e tradutores colocaram à disposição dos leitores brasileiros as obras clássicas, as novidades, os best-sellers, estendendo as fronteiras culturais e integrando o país ao comércio entre as nações. Através de suas atividades, tornaram disponíveis as obras que se tornaram, assim, parte do nosso universo cultural, inscrevendo nosso mundo letrado em pleno nascimento no circuito de obras, ideias, temas e formas literárias europeias (VASCONCELOS, 2012, p.173, tradução minha).⁶

Como mediador cultural através da inserção de livros no Brasil, Faustino figurava com frequência nos jornais diários, na seção *importação* e os artigos que lhe chegavam eram sempre detalhados como *impressos*. Foram empenhadas exaustivas pesquisas em busca do nome do poeta na seção *exportação*, porém todas elas resultaram malogradas, talvez porque a maioria dos livros de autores nacionais era impressa em Portugal e isso tornasse as exportações desnecessárias. Em se pensando no envio de periódicos, é pos-

6 *Vecteurs de civilisation, ces éditeurs, imprimeurs, libraires et traducteurs ont mis à disposition des lecteurs brésiliens des oeuvres classiques, des nouveautés, des best-sellers, en étendant les frontières culturelles et en intégrant le pays au commerce entre les nations. Grâce à leurs activités, ils ont rendu disponibles des ouvrages qui sont devenus, ainsi, partie de notre univers culturel, inscrivant notre monde lettré en pleine naissance dans le circuit d'oeuvres, idées, thèmes et formes littéraires européennes* (VASCONCELOS, 2012, p.165-175).

sível que fosse praticado através dos correios e por isso não figurassem como volumes enviados pelos paquetes.

Faustino trabalhava com a inserção das culturas estrangeiras no Brasil, sobretudo no que tange aos impressos, quer fosse pela importação e venda de livros estrangeiros no Brasil, quer fosse pelos artigos publicados em periódicos portugueses, nos quais atuava como correspondente no Rio de Janeiro ou ainda no trabalho burocrático desenvolvido no Real Gabinete Português de Leitura e no Grêmio Literário Português, locais onde viabilizava o contato dos emigrados e dos brasileiros com a cultura lusitana.

Desse modo, Faustino colaborou sobremaneira nas transferências culturais luso-brasileiras, pois seu papel de *passeur culturel* não se limita ao eurocentrismo, mas à bilateralidade e até à multilateralidade das trocas de culturas. A bilateralidade luso-brasileira da mediação de Faustino é intencional e pode ser observada pela materialidade de produções do poeta que literalmente cruzaram o oceano. Já em relação aos cruzamentos culturais envolvendo outras nações, não se tem notícia de que tenha havido, na época, qualquer colaboração desse mediador em periódicos estrangeiros, tampouco há comprovações de que seus escritos possam ter viajado para além do eixo Portugal/Brasil. Por outro lado, sabe-se que Faustino atuou como tradutor de obras francesas. A pesquisadora Marlyze Meyer atesta que o popular e ameno roman-

ce-folhetim *Rocambole* foi traduzido por ele (MEYER, 1996, p. 288). Há, também, uma tradução do poeta feita a partir da obra *A vingança da baronesa*, igualmente folhetinesca, de *Ponson du Terrail*.⁷

Faustino e a complexa condição de mediador cultural

Embora não existam, até o momento, comprovações de que as conexões com a França tenham sido recíprocas quanto aos aspectos materiais, elas estiveram presentes, de forma subjetiva, durante toda a carreira do poeta. A inserção no mundo das letras no século XIX praticamente exigia o conhecimento da língua francesa, bem como a aceitação de trabalhos que iam, muitas vezes, de encontro às ideologias pessoais. No caso específico de Faustino, homem de origem pobre, aceitar as imposições comerciais da imprensa foi algo necessário para a continuidade de sua carreira.

Não se trata, aqui, de entender a mediação de Faustino como algo premeditado a partir da compreensão da impossibilidade de um movimento cultural em sentido único, ao contrário, o cotejo da sua participação como homem de letras na imprensa de Brasil e Portugal comprova a existência de um ponto de vista que sustenta o conceito de superioridade europeia, mais especificamente, portuguesa. Porém, cabe

⁷ Cf. <http://porbase.bnportugal.pt> Acesso em 12 de janeiro de 2020.

explicitar, de acordo com a complexidade envolvendo as transferências e a sua recente inserção como objeto de estudo, que Faustino agia, involuntariamente, promovendo conexões plurilaterais. Como homem de seu tempo, é plausível conjecturar que esse alargamento cultural fosse desconhecido por ele.

No caso específico de Faustino, a mediação parece mais calculada em alguns momentos de sua vida, como quando da observação de sua participação na imprensa, na qual fica evidente o desejo de atuar como ponte que integrava os dois países. Por outro lado, parece que as sutilezas envolvendo as conexões culturais não foram, como não poderiam ser, plenamente compreendidas por ele. Sendo as noções de transferências datadas do final do século XX, não se pode esperar que um *passeur* do século XIX pudesse compreender a não existência de um *modelo* e uma *cópia*, de um *transmissor cultural* e um *receptor*. Teorias como as de *remodelação* e *imbricações culturais* não eram sequer manifestadas antes do século XX.

Os historiadores Michel Werner e Michel Espagne, da Alemanha e França, respectivamente, embora não sejam os pioneiros na discussão sobre os processos de transição cultural, foram os que primeiro propuseram a ruptura com o estigma de superioridade/ inferioridade como teoria das imbricações culturais, ou seja, conceberam as transferências como processo de mão dupla, mesmo quando desigual; manifestaram interesse pelos resultados dessas transferências en-

quanto reformulação e concepção de algo novo; concluíram a impossibilidade de existência de algo realmente *original* ao mesmo tempo em que sugeriram a originalidade como resultante das imbricações entre duas ou mais culturas.

Transferir não é transportar, mas sim metamorfosear, e o termo não se reduz, em nenhum caso, à questão mal circunscrita e muito banal dos intercâmbios culturais. É menos a circulação dos bens culturais que sua reinterpretação que está em jogo⁸ (ESPAGNE, 1988, p.2).

Em outras palavras, para os historiadores, ou tudo era original ou nada era. A teoria das transferências colocou em evidência a figura do *passeur culturel*, aquele que, em contato com culturas distintas, propiciava a aproximação entre elas, muitas vezes sem ter consciência de que desempenhava esse papel. Sendo assim, ainda que Faustino ignorasse seu papel como *passeur* ao trabalhar como livreiro no Brasil e ainda que essa empreitada tivesse como principal finalidade a ascensão social ou pelo menos a garantia de sobrevivência de si mesmo e da esposa, seria pouco provável que ele se aventuraria em um negócio completamente alheio às suas aptidões intelectuais e à

8 *Transférer, ce n'est pas transporter, mais plutôt métamorphoser, et le terme ne se réduit en aucun cas à la question mal circonscrite et très banale des échanges culturels. C'est moins la circulation des biens culturels que leur réinterprétation qui est en jeu* (ESPAGNE, 1988, p. 2, tradução minha).

sua disposição em estreitar a distância entre sua terra natal e o país que o acolheu.

Para que não se estabeleça uma compreensão equivocada sobre a mediação perpetrada pelo poeta ao atribuir-lhe, em certos momentos, um caráter involuntário, vale lembrar que, ao se corresponder intimamente com um amigo ou familiar, extrapolando as questões de interesse pessoal e desviando para assuntos que envolviam os aspectos culturais tanto do remetente quanto do destinatário, Faustino, mesmo ignorando que ali se estabelecia uma conexão cultural viabilizada através de sua intervenção, sabia que seu conhecimento estava ganhando outro espaço e que o conhecimento do outro fazia o mesmo percurso.

O ano de 1862 pareceu a Faustino bastante favorável para lançar mão de um projeto jornalístico. Seu envolvimento com a imprensa desde a juventude e as amizades conquistadas no meio podem ter sido alguns dos fatores que o impulsionaram na criação d'*O Futuro*. Além disso, um dos mais bem-sucedidos jornais com alguma envergadura literária dava sinais de declínio. A *Marmota*, de Paula Brito, parecia não poder manter-se após a morte de seu criador, em 1861. Faustino considerou este o momento oportuno para pôr em prática a ideia do periódico, pois poderia contar com alguns dos colaboradores da *Marmota*, seus companheiros de pena. O poeta também pode ter sido influenciado pelo êxito da *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil*, inaugurada em 1859 em Lis-

boa, por Ernesto Biester e com a qual colaborou como correspondente internacional entre 1861 e 1862, ano do surgimento d'*O Futuro*.

A colaboração na *Revista Contemporânea*, se somada às outras atividades exercidas por Faustino desde sua chegada ao Brasil, legitimam sua atuação como mediador das culturas de Brasil e Portugal depois da emigração. Faustino continuou presente na imprensa portuguesa mesmo após a inauguração d'*O Futuro*, o que significa dizer que sua atuação como correspondente acontecia em concomitância à atuação de portugueses em seu periódico.

Havia, de fato, uma reciprocidade entre Faustino e seus pares lusitanos no que tange às colaborações na imprensa dos dois lados do Atlântico, bem como havia um esforço na inserção e distribuição de alguns periódicos em ambos os países. Enquanto a participação de Faustino no jornal lusitano *Archivo pittoresco* se deu somente através da iniciativa de fixar o periódico no Brasil, graças à amizade do poeta com o redator da revista, Manuel Pinheiro Chagas, o mesmo não se deu com a *Revista Contemporânea*, na qual ele colaborou efetivamente, escrevendo e enviando artigos para serem publicados em Portugal, onde a revista circulava.

Pensar Faustino Xavier de Novais como um mediador cultural do século XIX é pensar, sobretudo, na sua atuação como difusor de impressos. Mas isso não significa que outras formas de mediação, menos aparentes, porém não menos efetivas, possam ter ocor-

rido através desse *passreur*. Fazer uma cultura transitar não pressupõe necessariamente garantir que um objeto se desloque geograficamente, o movimento também pode se manifestar no plano das ideias, no exato momento em que determinado conhecimento é transposto de um lugar para outro e, inevitavelmente, se adapta ao contexto de acolhida.

A mais importante participação de Faustino como *passreur culturel* foi também seu último intento no ramo das letras nacionais. Em 1862, o poeta lançou mão do referido *O Futuro: Periódico Literário Luso-brasileiro* e trouxe em sua carta-programa um grave e eloquente discurso sobre o projeto primeiro da publicação, qual seja o de promover um diálogo entre as literaturas de Brasil e Portugal e, como ele fazia parte do circunscrito grupo de homens de letras conhecidos no Brasil e em Portugal, não foi difícil convencer seus amigos, “d’além e aquém-mar”, a participarem do projeto. Grandes nomes lusitanos foram convidados para escrever n’*O Futuro*. Entre eles estavam Antônio Feliciano de Castilho, Camilo Castelo Branco e Alexandre Herculano. No Brasil, a colaboração foi bastante inferior e o único convidado que hoje goza de reconhecimento foi o jovem jornalista Machado de Assis, que dava seus primeiros passos no jornal e se estabelecia, principalmente, como cronista. Apesar de contar com o apoio de alguns nomes renomados e outros em ascensão, o projeto jornalístico de Faustino

sobreviveu por apenas um ano e, depois da derrocada d'*O Futuro*, a vida do poeta se tornou bastante difícil.

Os planos de Faustino, de sucesso e riqueza, não se concretizaram. Apesar da calorosa recepção e da proteção de portugueses influentes, Faustino jamais alcançou seus objetivos. Colaborou em diversos jornais da época, aventurou-se pelo ramo do comércio, fundou um periódico literário e, desses trabalhos, apenas sobreviveu.

Depois da derrocada d'*O Futuro*, Faustino não voltou a colaborar em periódicos e, já sem qualquer esperança de enriquecer ou de voltar à pátria, abandonou definitivamente a literatura e, junto dela, o riso. Segundo Pinheiro Chagas, o poeta passou a dedicar-se ao que ele chamou de *bela prosa burocrática* (CHAGAS, 1884). Sabe-se que Faustino trabalhou, depois de 1862, como encarregado das estatísticas comerciais da corte e, entre 1866 e 1868, como secretário da Sociedade Internacional de Imigração, ofícios que lhe garantiram o sustento até às vésperas de sua morte (CHAGAS, 1884).

O sonho de *fazer a América* foi esquecido definitivamente em 1866, quando o poeta abandona as letras e passa a dedicar-se somente ao trabalho como sobrevivência. A mesma carta leva a crer que os transtornos psicológicos que implicaram na sua morte, três anos depois, principiaram no ano em que *O Futuro* cessou sua circulação, ou seja, muito mais cedo do que propõe Sanches Frias, seu biógrafo. É possí-

vel que a doença tenha se instalado vagarosamente e que houvesse momentos em que os sintomas não fossem tão explícitos. Se sua condição inspirava cuidados desde 1862, Faustino, que vivia solitário no Rio de Janeiro desde o regresso de Ermelinda a Portugal em razão da ruptura do casamento dos dois, encontrou abrigo e afeto na casa de uma senhora de oitenta anos, que o tratou como a um filho. A idade avançada da sua protetora anunciava mais uma dor na vida do poeta, que desabafa ao amigo Camilo “Entrei na casa desta santa quase louco. Sofreu-me e curou-me com resignação santíssima, salvou-me com desvelos maternos. Vivo em sua casa há quatro anos” (CASTELO BRANCO, 1887, p. 226).

Com a morte de sua protetora, Faustino fica sob os cuidados de uma das filhas de D. Maria da Conceição, até que em 1868 a família Novais envia, a pedido de Faustino, Carolina, irmã mais nova do poeta, que chega ao Brasil em 18 de junho, a bordo do paquete francês *Estramadure*. Carolina hospedou-se, junto a Faustino, na residência de D. Rita de Cássia Calazans Rodrigues, senhora já idosa, filha da Baronesa de Taquary. Especula-se que outros fatores, além do estado de saúde do irmão, tenham influenciado na emigração de Carolina. A morte dos pais e *um acontecimento grave* a que se refere Sanches Frias, biógrafo de Faustino Xavier de Novais, teriam sido decisivos para a decisão da partida (MASSA, 2009, p. 491). Fato é que Carolina viera em socorro do irmão, que osci-

lava entre momentos de lucidez e fuga da realidade, pois em 28 de março de 1868, Faustino enviou uma carta bastante sensata ao também amigo Júlio Dinis (1839-1871)⁹ e pouco tempo depois, quando Carolina desembarcou no Brasil, ele mal a reconheceu (MASSA, 2009, p. 491). A partir da chegada de Carolina, a saúde de Faustino piorou significativamente. Embora ainda houvesse lampejos de lucidez, estes eram cada vez menos frequentes (CHAGAS, 1884, p. 217).

A amizade entre Faustino Xavier de Novais e Machado de Assis já era bastante sólida quando Carolina chegou ao Brasil a fim de se responsabilizar pelos cuidados com o irmão. Diante disso, o encontro de Machado e Carolina seria inevitável e o amor entre os dois surgiria em meio às preocupações com a saúde de Faustino, que não se opusera ao casamento entre o amigo e a irmã. Em carta de Machado à Carolina, datada de dois de março de 1869, o escritor revela que nos intervalos de lucidez, Faustino demonstrava aprovar as intenções de Machado em relação à Carolina “Para imaginares a minha aflição, basta ver que cheguei a suspeitar da oposição do F, como te referi numa das minhas últimas cartas. Era mais do que uma injustiça, era uma tolice” (ASSIS, 2008, p. 1349).

Os amigos Machado de Assis e Faustino Xavier de Novais não chegaram a ser cunhados, pois em agosto de 1869, Faustino, já muito debilitado pela doença,

9 Júlio Dinis era o pseudônimo do escritor português Joaquim Guilherme Gomes Coelho.

vem a óbito e o casamento de Machado e Carolina só aconteceria três meses depois. A data exata do falecimento foi disputada entre Jean-Michel Massa e Raimundo Magalhães Júnior, aquele disse ter sido no dia 18 e este no dia 16. Segundo a homenagem publicada pela *Semana Ilustrada*, duas semanas após a morte do poeta, foi mesmo em 16 de agosto que ele feneceu.

Era, desde alguns anos, diretor da repartição de estatística da Praça do Comércio, de cujo trabalho o desviara, há mais de um ano, a longa enfermidade de que pereceu a meia noite de 16 de agosto, na casa n. 29 da rua do Ipiranga (FAUSTINO, 1869, p. 3).

Dois dias depois da morte do poeta, em 18 de agosto, o *Diário do Rio de Janeiro*¹⁰ não apenas divulgou a morte de Faustino Xavier de Novais, como também proferiu algumas palavras sobre a vida e os infortúnios do português emigrado. Como homem de imprensa, sua morte despertou comoção entre seus companheiros de pena e a frieza comum aos obituários cedeu lugar a uma breve e emocionada homenagem, na qual foi ressaltada a importância da participação de Faustino no cenário cultural luso-brasileiro.

A morte de Faustino foi muito comentada pela imprensa da época e, segundo a *Semana Ilustrada*, isso não se deveu apenas pelos fortes laços de amizade

10 Cf. AVISOS. *Diário do Rio de Janeiro*, n.140, 04/06/1858. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=094170_01&pasta=ano%20185&pesq=>. Acesso em: 05 de janeiro de 2020.

construídos pela sua colaboração jornalística, mas pelo reconhecimento que o poeta gozava na sociedade fluminense: “A notícia correu como raio por toda a capital, e apesar de não se fazerem convites para o enterro, numeroso e luzido foi o cortejo fúnebre. Estavam representadas as letras, as artes, a diplomacia e o comércio. Novais, o poeta, tinha um grande amigo, o povo” (FAUSTINO, 1869, p. 6).

Das homenagens até a circulação de um abaixo-assinado encabeçado por José Avelino da Silva Braga, a fim de que se erguesse um monumento em memória do poeta, foram inúmeras as inserções do nome de Faustino na imprensa quando da sua morte. O respeito gozado pelo poeta e as amizades dentro das redações parecem ter evitado que os periódicos noticiassem o estado de demência em que ele, Faustino, se encontrava às vésperas do seu falecimento.

A *Semana Ilustrada* de 29 daquele mês dedicou todas as páginas do semanário a Faustino, homenageando-o através de uma breve e emocionada biografia seguida de uma poesia de Machado de Assis, além de duas páginas ilustradas que traziam trechos das poesias de Novais e outras duas com poesias inteiras. Fechando o número, vinha também uma ilustração especial sobre sua morte. A reverência machadiana ao irmão de Carolina denota a profunda amizade e admiração que havia entre eles.

Já da terrena túnica despida,
Voaste, alma gentil, à eternidade;
E, sacudindo à terra
As lembranças da vida, as mágoas fundas,
Foste ao sol repousar da etérea estância.
[...] (ASSIS, 1869, p. 3).

Os versos de Machado reiteram aquilo que biógrafos e amigos expuseram, em diversos momentos, sobre Faustino: os profundos desgostos que o acompanharam durante o decurso de sua vida. As mágoas a que se refere Machado em sua poesia parecem ter ofuscado o brilho satírico do poeta, de modo que sua estrela declinou antes mesmo de ascender.

Se o nome de Faustino Xavier de Novais não figura entre os mais renomados nomes da literatura oitocentista, também não é possível relegá-lo ao posto de autor menor. Quando ele emigrou para o Brasil, os sonhos de constituir fortuna parecem ter merecido mais empenho do que a literatura e, ao fracasso desse propósito, juntou-se às desventuras domésticas e à desilusão de não poder retornar à pátria.

Se a vida breve e as condições adversas não contribuíram para que o poeta alcançasse o reconhecimento profetizado por todos que o conheceram na juventude, sua participação intensa nas mediações culturais estabelecidas voluntária ou involuntariamente é notória e admirável. O poeta está ligado, de maneira determinante, à história da literatura luso-brasileira do século XIX, quer seja por suas muitas poesias nas

quais é patente o ataque mordaz à sociedade burguesa portuense e aos escritores ultrarromânticos, quer seja como personagem de um do romance camiliano ou nas cartas trocadas com o amigo e que posteriormente foram publicadas; Faustino aparece, ainda, nas antologias de Casimiro de Abreu, nas correspondências com o também amigo Alexandre Herculano, nas críticas teatrais machadianas e na história da imprensa de Brasil e Portugal. Faustino Xavier de Novais será lembrado, senão pela genialidade artística, pelo ativismo na vida letrada luso-brasileira e por representar, no século XIX, o arquétipo de mediador, dada as múltiplas investidas facilitadoras de contato entre culturas cultural, que só viria a ser valorizado no final do século XX.

Referências

- ASSIS, Machado de. Correspondência à Carolina. In: ASSIS, Machado de. *Obra completa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 2008. v. 3, p. 1348-1349.
- ASSIS, Machado de. Poesia. *Semana Ilustrada*, n. 454, p.3, 22 de agosto de 1869. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=702951&pasta=ano%20186&pesq>>. Acesso em: 18/09/2019.
- BASTO, A. de Magalhães. *Figuras literárias do Porto*. Porto: Livraria Simões Lopes de Manuel Barreira, 1947.
- BRANCO, Camilo Castelo. *Cancioneiro alegre de poetas portugueses e brasileiros*. Porto: Livraria internacional de Ernesto Chardron, v. II, 1887.
- CHAGAS, Manuel Pinheiro. Crônica ocidental. *O Occidente*: Revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro, n. 208, 01/10/1884. Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm.lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/1884/N208/N208_item1/index.html>. Acesso em 9 de março de 2020.
- CORRESPONDÊNCIA. *Diário do Rio de Janeiro*, n. 149, 03/06/1856. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=094170_01&pasta=ano%20185&pesq>. Acesso em 25 de fevereiro de 2020.
- ESPAGNE, Michel; WERNER, Michael. *Transferts: Les relations interculturelles dans l'espace franco-allemand (XVIIIe-XIXe siècles)*. Paris: Éditions Recherche sur les civilisations, 1988.
- FAUSTINO. *Semana Ilustrada*, n. 454, 22 de agosto de 1869. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=702951&pasta=ano%20186&pesq>>. Acesso em: 18 set. 2019.
- FAUSTINO. *Semana Ilustrada*, n. 455, 22 de agosto de 1869. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=702951&pasta=ano%20186&pesq>>. Acesso em: 18 set. 2019.

JANUZZI, Eliana Petrillo. *A contribuição de Faustino Xavier de Novais na Revista Popular: um projeto de edição*. Monografia (Graduação em Letras) - Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2005.

MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis. 1839-1870*. Trad. Marco Aurélio de Moura Matos. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

MEYER, Marlise. *Folhetim: Uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

NOVAIS, Faustino Xavier. *Novas poesias de Faustino Xavier de Novais acompanhadas de um juízo crítico de Camilo Castelo Branco*. vol. 2. Porto: Tipografia de Sebastião José Pereira, 1858.

OLIVEIRA, Aline Cristina de. *Faustino Xavier de Novais e as conexões entre Portugal, França e Brasil nas páginas d' O Futuro (1862-1863)*. 212 f. 2017. Tese de doutorado (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual Paulista, UNESP, Assis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/150543/oliveira_ac_dr_assis_par.pdf?sequence=5>.

REBELO, Luís de Sousa. Sátira. In: COELHO, Jacinto do Prado. *Dicionário das literaturas portuguesa, brasileira e galega*. Porto: Figueirinhas, 1960. p.737-747.

VASCONCELOS, Sandra Guardini. Romans Sans Frontières: Le cas paradigmatique de Walter Scott. In COOPER-RICHET, D. et MOLLIER, J.Y. (orgs.). *Le Commerce Transatlantique de Librairie*. Campinas: UNICAMP - Publicações IEL, 2012, p.165-175.